

CONTEÚDOS EMERGENTES E PEDAGOGIA DECOLONIAL: OFICINA BASEADA NA OBRA DE MAXWELL ALEXANDRE

Geiza Oliveira de Carvalho ¹
Carolina Lima Vilela ²

RESUMO

Atender temas não contemplados nos currículos oficiais, mas constantemente postos em pauta pelos alunos – os conteúdos emergentes – pode ser uma forma de pôr em prática a perspectiva decolonial em sala de aula. O presente trabalho tem como objetivo produzir uma oficina com base na experiência estética utilizando-se da série Pardo é papel, de Maxwell Alexandre, artista oriundo da Rocinha, que representa o cotidiano das favelas e corpos pretos em situação de empoderamento, além de levantar a questão da miscigenação no Brasil, a partir da provocação sobre a denominação “pardo”. Supõe-se que a oficina configure como uma ferramenta pedagógica na perspectiva decolonial, promovendo a abordagem de conteúdos emergentes utilizando o conflito como uma vantagem pedagógica. Para a discussão sobre Pedagogia Decolonial, serão dialogamos com autores Walsh, Candau e Rufino, sobre a Ecologia dos saberes, nosso referencial é Boaventura Santos. Já para o debate sobre currículo oculto, o aporte teórico estará baseado em escritos de Michael Apple. A discussão sobre cotidiano escolar estará embasada em Alves e Ferraço. O método escolhido para a realização da pesquisa foi a pesquisa-ação, pois entende-se que essa metodologia busca cientificar práticas educativas. A coleta de dados se dará a partir de questionário sociodemográfico, roda de conversa e entrevista semiestruturada, aplicados durante as aulas da professora-pesquisadora. A população e a amostra serão estudantes de 8º ano da Escola Municipal Equador, no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro. Os dados serão analisados a partir da análise de discurso escolar, inspirada no trabalho, de perspectiva foucaultiana, de Luís Sommer, a partir disso, espera-se que os objetivos da pesquisa sejam cumpridos. O produto educacional produzido em conjunto a essa pesquisa será um manual para aplicação da oficina baseada nas obras de Maxwell Alexandre.

Palavras-chave: Pedagogia decolonial, Artes plásticas, racismo, cotidiano, interseccionalidade

¹ Mestranda do Curso MPPEB do Colégio Pedro II, RJ, geizacarvalho4@gmail.com

² Professora orientadora, Dra. em Educação., MPPEB, Colégio Pedro II, RJ

INTRODUÇÃO

É recorrente que estudantes tragam temas, questões e demandas para salas de aula. Por vezes, são temas não prescritos nos currículos oficiais, não contemplados nos materiais didáticos disponíveis, e, por isso, são compreendidos como assuntos menos relevantes. Conseqüentemente, não são articulados e utilizados em aula como conteúdos pedagógicos.

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento que parte justamente da percepção que tais temas, demandas, questões trazidas para sala de aula pelos alunos são conteúdos de fato e devem ser tratados com a devida atenção. Serão denominados nesta pesquisa de conteúdos emergentes os conteúdos que os alunos trazem para sala de aula, que devem ser atendidos e integrar as atividades didáticas como conteúdo. Vale ressaltar que Apple (1982) aponta como currículo oculto aqueles ensinamentos que não estão previstos em documentos oficiais, mas se fazem presentes no cotidiano escolar. São códigos e não-ditos que direcionam comportamentos e atitudes, em especial na manutenção e reprodução hegemônica. No diálogo com ele, entendemos que valorizar as demandas apresentadas pelos estudantes, por meio do conhecimento e das práticas cotidianas, é uma forma de provocar deslocamentos naquilo que é historicamente ocultado.

Para atender os conteúdos emergentes, o ponto de partida será uma reflexão sobre o cotidiano escolar, compreendendo cotidiano como a produção de conhecimento na vida diária, nas relações sociais, nas interações, nas construções de subjetividades, onde os sujeitos do cotidiano não são submissos, são agentes que deixam suas marcas nos acontecimentos cotidianos. Ao desdobrar o conceito de cotidianos para o espaço escolar, Ferrazo *at al* (2018) indicam que a ideia de cotidianos escolares está relacionada a

[...] vida nas escolas, suas dinâmicas criadoras de conhecimentos e modos de existência e o enredamento destes com conhecimentos e modos de conhecer criados em outros contextos [...] Cotidianos escolares remetem, portanto, ao contexto social no qual se produz o entrelaçamento das redes de *conhecimentossignificações* e sentidos tecidas *dentrofora* das escolas, com a finalidade de *aprendermosensinar*mos, formarmos e nos formarmos. (*idem*, p. 90)

A ponderação sobre o cotidiano escolar é atravessada pela constatação da existência de conflitos e diferenças nas escolas. Diante disso, autores como Candau (2016) compreendem que os conflitos e diferenças que surgem no chão da escola, devem ser tratados como impulsionadores e não como impeditivos do processo pedagógico. Desse modo, é

desejável utilizar os conflitos presentes nas salas de aula como “vantagem pedagógica”, como preconiza Emília Ferreiro (*idem*). Rufino (2021) endossa esse olhar ao apontar que o papel da educação não é o de apaziguar conflitos, e indica que é no conflito que está a possibilidade do desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, é onde há espaço para a dúvida e para o diálogo.

Como caminho para abordar essas demandas do cotidiano escolar, seus conflitos e diferenças, propomos uma prática dentro das concepções do pensamento decolonial. As pedagogias decoloniais são práticas ainda em construção, mas que visam colocar os saberes dos historicamente subalternizados em situação de equidade com os saberes hegemônicos. Tais práticas pedagógicas podem ser uma lógica orientadora na mudança de práticas em sala de aula, trazendo novos protagonismos e novos saberes para o ambiente escolar.

As práticas pedagógicas decoloniais partem da noção de que os saberes impostos como únicos, universais e neutros, são, na verdade, saberes eurocentrados. Catherine Walsh expande o pensamento decolonial para pensar em práticas pedagógicas, apontando que tais pedagogias devem ter como função “transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica, epistêmica e cosmogônica-espiritual” (WALSH, 2009, p. 27) criadas pela colonialidade.

Complementando a consciência de que todos estão envolvidos nos processos educacionais e que tais processos estão para além dos muros da escola, Walsh, Oliveira e Candau (2018) afirmam que a pedagogia decolonial

se opera além dos sistemas educativos (escolas e universidades), ela convoca os conhecimentos subordinados pela colonialidade do poder e do saber, dialoga com as experiências críticas e políticas que se conectam com as ações transformadoras dos movimentos sociais, é enraizada nas lutas e práxis de povos colonizados e, é pensada com e a partir das condições dos colonizados pela modernidade ocidental. Assim, o pedagógico e o decolonial se constituem enquanto projeto político a serem construídos nas escolas, nas universidades, nos movimentos sociais, nas comunidades negras e indígenas, nas ruas etc. (p. 5)

Partindo da lógica que a educação não deve estar a serviço do modelo dominante (RUFINO, 2021), entende-se que a educação deve ser um campo de batalha e estar a serviço de “recuperar a dignidade dos que foram violentados” (*idem*, p. 5) pelo processo de colonialidade. Faz-se necessário valorizar as experiências de vida de todos os envolvidos no processo educacional, integrando aos currículos formais as demandas dos estudantes, de modo a tornar o processo de aprendizagem significativo e com sentido aos envolvidos, (FULTON, 2022). É fundamental que a prática em sala de aula tenha como prioridade o

discernimento de que “todo processo educacional deve ter como ponto de partida o próprio aluno e sua realidade sociocultural” (idem, p. 91), reforçando assim a concepção de que uma educação decolonial deve pensar a partir do subalternizado e não sobre o subalternizado.

Dentro do espaço escolar, é urgente colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, ouvindo suas demandas, seus anseios e incômodos, de modo a colocar em prática uma educação a serviço da autonomia dos indivíduos. Contemplando deste modo o que Boaventura (2022) denomina de ecologia de saberes, ao correlacionar os saberes formais, acadêmicos, canônicos aos saberes populares, aos saberes da rua, o que Rufino (2021) designa de cruzo.

Utilizando os pressupostos anteriormente citados, parte-se do seguinte problema: Como contemplar temas que não são frequentemente abordados nos currículos oficiais, porém, constantemente reivindicados pelos alunos, os conteúdos emergentes, como uma prática de pedagogia decolonial?

Supõe-se que realizar uma oficina fazendo uso de arte visual é uma possibilidade de atender a demanda de alguns conteúdos emergentes, bem como uma contribuição crítica aos saberes hierarquizados e um recurso para aplicação da lei nº 10.639/2003. Tendo como objetivo final produzir uma oficina como ferramenta pedagógica na perspectiva decolonial, para promover a abordagem de conteúdos emergentes e desvelar currículos ocultos, utilizando o conflito como uma vantagem pedagógica.

Admitindo que oficinas pedagógicas podem promover a autoria e autonomia do aluno (FRIGÉRIO, 2020), sendo estes, autoria e autonomia, pressupostos da pedagogia decolonial, é indicada a criação de uma oficina que lançará mão de obras de arte como possibilidade de promover experiências estéticas para a contemplação de conteúdos emergentes.

Deste modo, a oficina pedagógica desenvolvida a partir dessa pesquisa, fará uso das produções artísticas de Maxwell Alexandre, que vem despontando como um dos maiores artistas brasileiros de sua geração. E que traz nas obras da série “Pardo é Papel” e suas subséries, corpos pretos das mais diferentes tonalidades, em situação de empoderamento, marra, conquistas, ostentação, provocação e reivindicação de direitos.

O papel pardo é a base de suas pinturas e uma provocação quanto à denominação pardo que historicamente foi utilizada para apagar ou disfarçar a negritude e embranquecer pessoas negras. Sua obra abre a possibilidade de abordar conteúdos tradicionais, porém, sob a ótica dos historicamente subalternizados, pois Maxwell Alexandre fala de si sem interlocutores. É o subalternizado mostrando suas visões de mundo e apontando possíveis caminhos para construção de uma sociedade mais justa.

A compreensão de experiência estética utilizada como referencial teórico será a concepção de Dewey, que define experiência estética como

[...] aquela que, a partir da união dos valores de uma experiência, permite uma sensação plena, conclusiva, de modo que, quando ocorre, chama a atenção, é diferente das outras é, pois, dotada de um valor único. Em outras palavras, é o acontecimento que se dá de forma mais intensa ou até mesmo insignificante, que conduz o sentido da experiência estética. Ela é assim considerada porque possui uma característica singular. (CENCI E MORIGI, 2019, p. 4)

Dentro dessas perspectivas, acredita-se que a experiência estética com base na exposição das imagens produzidas por Maxwell Alexandre, que expressa sua vivência e o cotidiano nas favelas, uma forma de atender demandas presentes na escola, como fazer uma abordagem decolonial dos conteúdos e um recurso para abordar conteúdos emergentes, proporcionando uma aprendizagem distraída e significativa em conformidade com a legislação.

Parte-se da hipótese de que o trabalho com imagens e a produção artística realizada por sujeitos invisibilizados poderiam contemplar os conteúdos não formais que frequentemente são por eles reivindicados, os conteúdos emergentes, se configurando como uma alternativa de prática pedagógica decolonial.

A pesquisa justifica-se por sua relevância social, visto que intenta atender as demandas dos historicamente subalternizados, através da abordagem de conteúdos emergentes, que deveriam ser considerados tão relevantes quanto os conteúdos formais presentes nos currículos oficiais. Quanto à relevância acadêmica da pesquisa proposta, devido à tenra idade do artista que será a base da oficina, não existem pesquisas de mestrado que proponham a utilização pedagógica da arte de Maxwell Alexandre, fato constatado após pesquisa no catálogo que teses e dissertações da CAPES.

A aplicação da pesquisa já passou pela fase dos procedimentos formais como a autorização junto à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) e da

Plataforma Brasil. Sua aplicação já ocorreu e a pesquisa está na fase de análise de dados para obtenção de resultados.

METODOLOGIA

Para realização da pesquisa, houve a participação de alunos de 8º ano da Escola Municipal Equador, localizada no bairro de Vila Isabel, pertencente à rede de escolas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ).

Os alunos que concordaram em participar entregaram os devidos documentos de autorização assinados por eles e pelos responsáveis. Estes documentos foram previamente analisados e autorizados pelo comitê de ética da Plataforma Brasil. Os documentos foram: o termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), a autorização dos responsáveis no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), bem como os termos de confidencialidade e de uso de imagem e som.

Os termos de autorização foram entregues aos alunos que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Os termos foram lidos pela professora pesquisadora, que abriu diálogo para explicação sobre como seria a aplicação da pesquisa, esclarecimentos sobre a não obrigatoriedade de participação, além da possibilidade de desistência dos participantes a qualquer momento, sem que isso acarretasse prejuízo aos possíveis desistentes.

A coleta de dados foi feita em duas etapas, sendo a primeira a aplicação de um questionário de caráter sociodemográfico, onde os alunos fizeram autodeclaração de raça/etnia, endereço, idade, entre outros. A segunda etapa foi uma roda de conversa com entrevista semiestruturada, realizada após a aplicação da oficina.

A oficina ocorreu no horário das aulas de Geografia, que são ministradas pela professora pesquisadora às quartas-feiras no turno da tarde. Ocorreram em três encontros, pois o artista estudado possui uma grande quantidade de obras, com muitas referências e detalhes, assim, ao dividir a oficina em mais de um dia, as obras puderam ser contempladas e observadas de forma mais detalhada.

No primeiro encontro houve exibição de um vídeo com o artista plástico Maxwell Alexandre, no qual este se apresenta, indicando suas referências, motivações e intenções ao

desenhar sua arte em papel pardo. Os alunos receberam uma ficha individual para anotações de suas impressões, sensações e reflexões à medida que são apresentados às telas.

Ao final de cada encontro houve espaço para diálogo, dúvidas e comentários dos alunos. Após a oficina de apresentação das obras de Maxwell, os alunos foram divididos em dois grupos menores, de forma aleatória para participarem da roda de conversa. A divisão foi feita no intuito de poder ter mais atenção às falas dos alunos e que estes ficassem mais à vontade durante a roda de conversa.

Na roda de conversa foram feitas perguntas de uma entrevista semiestruturada, que teve o áudio gravado como forma de registrar as falas dos alunos e facilitar posterior análise, uma vez que algumas informações poderão passar despercebidas ou esquecidas durante a roda de conversa. Os sons coletados não serão utilizados fora do momento da análise.

Os dados serão analisados a partir da análise de discurso escolar, inspirada nos trabalhos, de perspectiva foucaultiana, como os de Luís Sommer (2007) e Vilela (2015). Nessa análise não há esforço em entender necessariamente a subjetividade, mas analisar o que foi dito e o que não foi dito, o que os autores entendem como enunciados interditados. Essa proposta se mostra interessante, pois o que é dito é de suma importância, mas o que também não é dito, é significativo, demonstrando escolha, seleção e hierarquização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após levantamento bibliográfico, definição da metodologia, submissão e autorização junto à Plataforma Brasil e à SME-RJ, a oficina foi aplicada e seus dados coletados. A pesquisa encontra-se em fase de análise e interpretação de dados para posterior publicação.

Ao longo da execução da oficina, que durou três semanas, surgiu, emergiu, em diferentes momentos, a sigla da facção local, que foi escrita por mais de um aluno em mais de um local (parede, quadro, ficha de anotações).

A despeito do projetado, que os temas que emergiriam na aplicação da oficina seriam relacionados ao racismo, colorismo, empoderamento, entre outros, o conteúdo emergente foi justamente a violência e disputa territorial que conflagra a cidade do Rio de Janeiro e marca as vivências e percepções de quem vive nela.

Na roda de conversa houve a possibilidade de abordar as motivações para tais anotações e ficou claro que os alunos não necessariamente reproduzem essa sigla da facção

por algum envolvimento direto com o tráfico de drogas. O que ficou evidente é que a sigla da facção era vista como um símbolo da localidade, trazendo uma sensação de pertencimento aos que a reproduzem.

Os dados gerados por esta pesquisa ainda serão analisados a partir da análise do discurso escolar, inspirado na análise foucaultiana, proposta por Sommer (2007) e Vilela (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas decoloniais na escola não devem ser vistas como algo prescrito ou um método fechado a ser reproduzido nas salas de aula. Pelo contrário. Parte-se da noção de que cada cotidiano apresenta suas peculiaridades e a prática decolonial estaria mais relacionada à reflexão do como fazer. É uma postura pedagógica que visa repensar as práticas que podem iniciar a partir da mudança de atitudes e procedimentos em sala de aula.

Desse modo, a proposta de lançar mão da experiência estética com obras de arte de um artista periférico, que se apresenta como o subalternizado falando de si, por si, sem interlocutores, se mostra como uma possibilidade de prática decolonial dentro do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Maxwell. Entrevista: Ocupação finalista 2020: Maxwell Alexandre. <https://www.premiopipa.com/2020/10/ocupacao-finalistas-2020-maxwell-alexandre>.

Entrevistador: Luiz Camillo Osorio. Pipa, a janela para a arte contemporânea brasileira. Outubro, 2020.

ALEXANDRE, Maxwell. Maxwell Alexandre: Pardo é papel / Maxwell Alexandre [et. al]; Organização: Instituto Inclusartiz. Rio de Janeiro: Instituto Inclusartiz: Instituto Odeon, 2020, 128 p.

ALEXANDRE, Maxwell. Pardo é papel/Maxwell Alexandre; organização Instituto Inclusartiz. – 1 ed. – São Paulo: Intituto Tomie Ohtake, 2021.

APPLE, Michel W. O currículo oculto e a natureza do conflito. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, p. 125-157, 1982.

CANAL ARTE 1. MAXWELL ALEXANDRE: “PARDO É PAPEL” retrata a AUTOESTIMA PRETA/Arte 1 Minuto. Youtube, 16/06/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zngt1IZgNSk>. Acesso em: 20/04/2023.

CANDAU, Vera Maria. Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos-EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA PROPOSTA DE TRABALHO. **Novameria/PUC-Rio-1999. Disponível**, 1999.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, p. 802-820, 2016.

CENCI, Angelo Vitório; MORIGI, Aline Franciele. A experiência estética e a formação humana numa perspectiva monista em Dewey. **Conjectura: Filosofia e Educação**, v. 24, 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. EdUERJ, 2018.

FRIGÉRIO, Regina Célia. Em outros espaços e com outras ferramentas... Oficinas pedagógicas na escola. **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, v. 7, n. 14, p. 43-53, 2020.

FULY, Tatiana. Que história você quer contar? Caminhos para uma educação decolonial – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2022

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Mórula Editorial, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez, p. 29-67, 2010.

SANTOS. Boaventura de Souza. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Belo Horizonte, MG.: Autêntica Editora; São Paulo, SP: Boitempo, 2022.

SOMMER, Luís Henrique. A ordem do discurso escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 57-67, 2007.

VILELA, Carolina Lima. Interdiscursividade e interdição no discurso do conhecimento escolar em geografia. **Pro-posições**, v. 26, p. 199-216, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 12-43, 2009.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, n.83, 2018.